

Salvador - Assembleia mensal de Escola de Comunidade
Dia 20 de abril de 2013

Otoney: Estamos aqui para a assembleia sobre o 7º capítulo do livro *Na Origem da Pretensão Cristã*. Três dias atrás recebi uma mensagem de uma amiga que dizia: “Fazendo a Escola de Comunidade eu me dei conta de que a Jornada Mundial da Juventude é uma declaração explícita do Mistério a mim. Sendo assim, viver a Jornada Mundial é uma questão de liberdade, minha, nossa, do Movimento e das pessoas”. Eu fiquei muito tocado e respondi: “É interessante essa percepção porque recoloca a questão em outro patamar”. Depois, olhando aquele texto em que Cristo diz “Eu sou Deus”, “Eu sou o significado da sua vida”, comecei a pensar nesta assembleia e na presença de Bracco aqui como uma declaração explícita. Na mensagem de Carrón ao Tríduo dos colegiais ele dizia que é companheiro, cúmplice, nesta exigência de infinito, nesta exigência de satisfação total. E a presença de Bracco pra mim é muito significativa porque é uma pessoa que leva a sério esta exigência de infinito e que testemunha de forma muito clara pra mim este olhar a Carrón. O fato de que ele está aqui como um amigo para nos ajudar nesta percepção de si é uma declaração explícita do Senhor. E esta tarde é uma possibilidade de verificar isso diante do nosso amigo. Que cada um se sinta livre para compartilhar a experiência que está fazendo e isso será um bem para todos nós.

Colocação: No ano passado quando o Bracco esteve aqui, na assembleia ele disse: “Faça o seu caminho e os amigos aparecem”. E sem perceber ele estava me respondendo a uma coisa que me incomodava há muito tempo. Faz doze anos que estou no Movimento e me sinto abraçada por Cristo aqui, pois todo encontro que eu faço eu nunca saio de mãos vazias. Por isso eu sempre volto. Mas ficava chateada, pois mesmo sabendo que as pessoas gostam de mim, a amizade não era como eu imaginava e percebo que muitas vezes vivia uma chateação até adolescente. E quando o Bracco falou aquilo foi uma resposta pra mim. Naquele dia eu peguei o santinho de Giussani e comecei a rezar todos os dias pedindo a ele que me desse um amigo no Movimento – apenas um – que me fizesse entender o seu carisma: uma companhia guiada ao Destino. O tempo passou e no mês passado Valter me avisou que a esposa de um amigo do Movimento, que eu não conhecia, pois moram em outra cidade, estava internada para tratar uma leucemia. Sou farmacêutica de um hospital universitário e ele me pediu para ir vê-la na enfermaria, para que eu fosse um rosto e fizesse companhia a ela, que se chamava Jamily. Pensei: “Já tenho tantas coisas para fazer durante o plantão e vou ter que achar tempo para mais essa tarefa” pois era um amigo que me pedia. Por afeição a esta história eu fui vê-la. Lá perguntei à enfermeira responsável quem era Jamily e ela logo me disse que era uma fofa, uma pessoa ótima e que os técnicos de enfermagem disputavam para ver quem iria cuidar dela. Já tinha aí algo diferente! Quando entrei no seu quarto me apresentei, conversamos um pouco e ela logo me disse que havia no setor uma estudante de enfermagem católica e que procurava um grupo na Igreja para se inserir. Jamily tinha o telefone dela e me passou, e neste momento essa moça entrou no quarto. Então falei da Escola de Comunidade e do Movimento e na semana seguinte ela já me acompanhou no encontro. Fiquei marcada com essa atitude de Jamily: como uma menina de 24 anos que foi internada, na semana da sua lua de mel, com uma leucemia mielóide aguda, com apenas 5% de chance de sobreviver a um transplante de medula (pois os tratamentos de quimioterapia falharam) pode se preocupar com uma estudante que acabara de conhecer? E me lembrei da primeira página do texto dos Exercícios do CLU, pois Jamily estava vivendo a espera 24 horas do dia. E não foi uma espera que a tirou da realidade, ao contrário, a fez atenta aos que a cercavam. Nas três semanas seguintes vivi uma amizade com Jamily que eu não esperava. Levei o texto dos Exercícios do CLU e ela leu a introdução e pulou logo pra Assembleia, pois queria ler as perguntas e as respostas. Vi no relacionamento dela com a realidade o que eu conhecia na teoria e achava que praticava. Ela nunca se queixou, nunca fez cara de dor (mesmo quando começou a usar morfina), sempre estava sorrindo e com os olhos bem abertos, sempre positiva. Animava os outros pacientes como Clara, uma italiana de 28 anos que descobriu um linfoma e não podia voltar para Roma por conta da gravidade do seu quadro. Antes do transplante chamei padre Inácio para lhe dar a Unção dos Enfermos. Ele também conheceu Clara, a mãe de Jamily e seu marido que sempre estavam lá. Depois do transplante, Jamily piorou muito, tomou muitos antibióticos e desenvolveu uma inflamação que a impediu de falar e de engolir a própria saliva de tanta dor que sentia. Mesmo assim Jamily permanecia sorrindo, firme, fazendo OK com a mão todas as vezes que eu ia conversar com ela e contava da Escola de Comunidade e dos recados que a comunidade e a Fraternidade mandavam, pois mesmo sem conhecê-la as pessoas rezavam por ela. Todos os dias eu subia até a enfermaria, pois vê-la se tornou uma necessidade para mim. Era ela quem estava me ajudando a viver o carisma do Movimento e esta era a graça que eu pedia. Ver Jamily abraçar toda a realidade com essa disposição e liberdade me ajudou como nunca. Depois de 12 anos no Movimento agradeço a Deus pelo sim de Dom Giussani, pelo sim de cada amigo que permaneceu perto de mim. Só porque persisti em fazer meu caminho, o meu trabalho, é que entendi o que significa dizer que a

realidade, primeiro, é para mim. No dia do seu falecimento sua mãe me disse que todas as vezes que eu deixava o quarto Jamily se sentia mais fortalecida. No momento da liberação do corpo acompanhei o marido dela, que agradeceu por minha presença, e uma amiga deles, que me disse que Jamily sempre a convidava para conhecer o Movimento e ela sempre recusava, mas agora, depois que ela viu tantos amigos que não conheciam Jamily se movimentando para ajudá-la, ela quer ir a Escola de Comunidade. E o que foi que eu fiz? Nada extraordinário, nenhum milagre. Apenas reservei alguns momentos do meu plantão e fui apresentar o meu rosto. Ganhei uma amiga que se tornou o rosto de Cristo para mim! A partir disso, Bracco que pra mim antes era uma pessoa a quem eu respeitava por ser o responsável do Movimento, também se tornou um amigo porque ganhou o meu afeto. E eu não falo com ele todo dia, mas ele não sabia o que eu estava vivendo e disse algo que foi a resposta pra mim. E hoje vida de Jamily já deu frutos. Esta é a prova da presença de Cristo conduzindo a vida de Jamily e a liberdade dela que O acolheu. Com Deus nada se perde. Meu olhar mudou e com ele as minhas atitudes. Eu desejo repetir essa experiência todos os dias quando acordo. Eu agradeço a Deus por Giussani e por Jamily e por eu ter tido essa oportunidade. E é por isso que eu a partir de agora realmente quero viver a realidade com Cristo!

Colocação: Jamily foi um dos maiores sinais de afeição que até agora eu vi no Movimento. Mas pra chegar a isso foi preciso um trabalho, que começou mais claramente há 7 anos com a chegada de Carrón como responsável do Movimento. Quando eu soube através de Marcinha que Jamily estava sendo chamada – ela disse: “é necessário um milagre” –, ali eu senti uma grande dor, e isso foi um grande sinal de afetividade. Digo isso porque desde a minha chegada ao Movimento, pra mim era muito estranho quando ouvia: “nós somos um grupo de amigos”. Isso me incomodava, pois onde vou eu faço amigos e essa preferência total pela companhia do Movimento não existia. E eu precisei ir para Vitória da Conquista pra conquistar essa vitória. Há dois anos quando eu me encontrei com o Carrón eu me dizia: é necessário uma maior responsabilidade, é necessário levar a sério aquilo que ele propõe, levar a sério a minha humanidade. Então comecei a fazer um percurso. Em Vitória da Conquista eu me dei conta de que essa amizade que se tornava cada vez mais clara pra mim eu não tinha mais, pois estavam todos em Salvador. E eu dizia: “meu Deus, eu quero viver isso aqui, com esses amigos aqui”. E essa dor diante da partida de Jamily foi o maior sinal de que eu estava preferindo estes. E só digo uma coisa: para isso precisei levar a sério a minha humanidade e seguir Carrón. O enterro de Jamily foi o mais belo que eu já vi na minha vida. Aquela igreja pequena estava lotada, com muitos jovens, aqueles rostos sedentos, pois Jamily era uma grande amiga. Aquilo me dizia: é aqui com estes, aqui é a Igreja. Desde que eu soube que ela estava sendo chamada, não conseguia mais viver sem perceber a presença de Cristo. Tudo o que eu vivia era sinal da presença de Cristo, toda a realidade. Na sua missa de sétimo dia me pediram para falar algo. E eu me lembrei das últimas palavras que ela me disse. Ela estava no quarto, e com aquele sorriso lindo disse: “até mais”. E ela já tinha alcançado este *mais*, este cem vezes mais, o cêntuplo. É uma vida. Ela está diante da vida. E eu também pude experimentar, através dela, este cem vezes mais na minha vida, no relacionamento com os meus amigos, com os alunos na escola, com a minha mãe em casa, naquelas coisinhas cotidianas de todos os dias que muitas vezes a gente faz uma confusão imensa. E lá na missa eu falei “como dizia nosso amigos Dom Giussani”, a santidade não consiste em fazer coisas grandiosas, mas de aderir cotidianamente à presença de Cristo dentro das circunstâncias. E Jamily era assim: amava a família, amava o trabalho, amava aquela igrejinha, amava demais aquele lugar.

Colocação: Também foi muito impactante pra mim ter acompanhado um pouco o que Jamily viveu. Tudo o que aconteceu com ela teve um sentido e isso foi possível ver nestes dias, por tudo o que se movimentou ao redor dela. A liberdade de todo mundo se movimentou: a Marcinha, os técnicos do hospital, eu, minha família, os amigos de Conquista. Tinha algo excepcional acontecendo ali. E isso se explica por chegar a ver uma beleza no funeral de uma garota recém-casada, de 24 anos. Eu vi o marido dela enfrentando a situação com uma tranquilidade que era impressionante. Ela faleceu na quinta e no sábado eu estive em Vitória da Conquista e participei do enterro. Todas as pessoas falavam da beleza que viam naquele funeral. Depois, o marido dela veio na assembleia que fizemos com a comunidade e contou um pouco do que viveu. No final ele disse: “Depois do funeral eu entendi que a morte de Jamily não foi uma derrota, foi uma vitória”. O milagre que a gente tanto pedia estava acontecendo ali, com as pessoas comovidas por aquele fato.

Bracco: Podemos ouvir estas coisas e ficar maravilhados, surpresos, mas que diferença tem entre isso e a ressurreição de Cristo? Porque essa pode ser uma história bonita, mas quando voltamos pra casa cada um volta para as suas preocupações, para os seus problemas. Como é que uma coisa assim pode irromper dentro da minha vida, pode entrar nas minhas preocupações? Se não acontece isso, ouvir isso é uma maldição. O Papa falou que depois de ter visto Cristo fazer tudo o que Ele fez, depois de sua morte, com tudo o que tinham visto, ouvido e experimentado, as mulheres estavam indo

lá visitar um morto, cheias de tristeza, pois agora tinham que voltar à vida de antes. Acabaram aqueles anos maravilhosos, e Ele era apenas uma lembrança. E nós podemos viver assim. Agora estamos no Tempo de Páscoa, mas podemos viver como aquelas mulheres indo visitar um morto, sabendo que Cristo existiu, ou achando que existe, mas como um morto. Porque tenho as minhas tristezas, tenho aquela fadiga, tenho aquele meu problema lá que não consigo resolver... Todo mundo tem um túmulo. Então, mesmo depois de ter ouvido isso, nós podemos ir para casa como aquelas mulheres, voltando à vida de sempre, ou então mais tristes. Então, o que isso tem a ver com a ressurreição de Cristo? Para mim a ressurreição de Cristo é um fato ou eu já sei o que aconteceu? Carrón fala que não basta o contragolpe ouvindo uma coisa assim. O problema é como a gente reage diante dos encontros, diante daquilo que acontece: “o significado da vida é uma meta possível somente para quem está empenhado na problemática total da própria vida”. Giussani não diz que a meta é possível para quem recebe o contragolpe. Todo mundo aqui pode ter recebido o contragolpe de um fato. Aquilo todo mundo recebe, porque o contragolpe não pede permissão. Aquilo que nós decidimos é se vamos ou não nos empenhar com esse contragolpe, com aquele início, com aquela atração, com aquela maravilha. É esse empenho que nos permite descobrir o significado real da vida, é esse empenho que nos permite experimentar o significado do que é a ressurreição de Cristo, e não só ficar no contragolpe. Mas pode ser que alguém nem percebeu o contragolpe, e aí temos que olhar também. Porque como vocês falaram, não é igual a zero ter testemunhas. Se os apóstolos não tivessem recebido o testemunho de quem viu e acreditou, teriam ficado lá. Mas pra mim está acontecendo a mesma coisa ouvindo as testemunhas da ressurreição de Cristo? Vocês foram hoje testemunhas da ressurreição de Cristo. Nós vivemos as mesmas coisas que viveram os primeiros depois da ressurreição de Cristo, nós estamos dentro desta linha, mas podemos estar com o coração que já sabe tudo, já fechado, que fica parado no contragolpe, pois depois quando vamos embora, falta querer se empenhar com aquilo que viu. Como contou a nossa amiga. Eu disse uma coisa, que nem me lembrava, pois a vi apenas aquela vez, mas ela foi atrás, entrou nela uma curiosidade, quis entender. Temos que aprender isso, pois é muito fácil, pelo clima no qual a gente vive, que fazer isso é sempre um peso. Ao invés, tudo nasce do desejo de querer me empenhar com aquele contragolpe. Empenhar significa uma curiosidade intelectual. Que não é só fazer coisas, mas é ver alguém, se perguntar como gostaria de ser como ele ou como ela, perguntar o que isso significa e o que aconteceu, pedir. Essa é a possibilidade de descobrir a ressurreição de Cristo, e não ficar apenas com a história bonita que você lê na *Passos* e depois tchau. Mas se lá na revista está escrita uma história como a de hoje é um testemunho da ressurreição de Cristo que chama a um empenho, que é essa curiosidade intelectual – que não é coisa de intelectuais, heim –, que como fala aqui Dom Giussani e repete Carrón, é que você quer vê-lo de novo. Como a Marcinha falou: eu quero fazer aquela experiência que eu vi. Por isso vai atrás, pergunta, procura, lê. Os apóstolos não ficaram no contragolpe, acordavam de manhã e iam lá procurá-Lo. Isso é aquilo que se joga todos os dias pra nós.

Colocação: Nestes últimos quinze anos eu passei por duas grandes guerras e como qualquer sobrevivente de guerra carrego marcas que são inevitáveis e muito profundas. Se pudesse escolher não teria passado por tudo aquilo, mas já que passei prefiro entender como a forma através da qual Cristo se aproximou de mim. Então foi um bem. E só posso falar disso hoje porque de fato Ele se aproximou de mim. Naqueles dois períodos eu vivi dias extramente difíceis e alguns de vocês aqui puderam acompanhar. Todos os dias e várias vezes em cada dia, eu constato essas marcas, principalmente na forma de lembranças e elas me convidam a um tipo de suicídio, e isso é um drama a ser repetidamente vencido. Não me refiro àquele suicídio clássico, mas àquele que gradualmente poderia me tornar um zumbi, simplesmente incapaz de acreditar, de sentir esperança. Mas, graças a Deus isso não acontece e, principalmente quando eu escorrego, vejo claramente que minha vida é novamente salva por vontade de Deus através da experiência que faço no Movimento. E isso é muito potente, dispensa meus esforços, inflama muito meu coração, contudo não é fácil. Requer um tipo de disposição minha, de empenho, uma postura, uma coragem de permanecer e isso é verdadeiramente fruto da graça de uma educação. Por isso, peço a Deus todos os dias que não permita que eu me afaste nem Dele e nem do Movimento e o meu coração segue bem aceso. Eu iniciei o caminho na Igreja por uma experiência muita boa, séria, mas vivi de forma equivocada. Atingir uma espiritualidade de alto nível era minha meta, mas era também o meu maior engano, pois buscava uma perfeição que dependia prioritariamente dos meus esforços para que então Cristo passasse a ter algo a ver comigo pessoalmente. Agora, depois de cerca de 8 anos no Movimento – percurso iniciado numa amizade com Dom Guido, por quem tenho imensa admiração e afeto –, eu entendo que esse relacionamento com Cristo é mesmo possível, e se realiza e se torna verdadeiro quando eu permito que ele me acompanhe e me transforme, interfira na minha vida. Eu não alcanço, sou alcançada. O encontro já não é mais no céu, a verificação é aqui, onde as tais guerras acontecem, onde os contragolpes acontecem. Basta que empenhe nisto a minha liberdade, que eu ocupe o meu lugar de mendicante muito amada diante de Cristo. E não é fácil. Mas é só assim que todas aquelas marcas ganham um novo significado e as lembranças não têm o poder agudo de me remeter ao nada, à tristeza, ao medo, a revolta. Ao contrário, tudo tem a ver com o

infinito. Descobri que no primeiro tempo de dificuldade eu pedia socorro a muitos, mas escolhia caminhar sozinha. Eu era mesmo muito forte e a minha postura era de autossuficiência. Mas lembro que eu não podia respirar, eu não tinha paz, eu não tinha alívio. Há algum tempo eu tenho notado que os caminhos percorridos pelo Movimento andam em profunda sintonia com minha vida. A primeira vez que percebi isso foi quando estive numa reunião com Julián de la Morena na casa das *Memores*. Naquele dia, com minha mãe extremamente doente, vivendo em grande agonia e sofrimento, eu tive a possibilidade de entender a profunda relação entre o caminho e o milagre. Descobri que ter um caminho é o grande milagre. Dali em diante eu pude me sentir agraciada e a companhia de Carrón passou a ser um importante sinal de um milagre que havia acontecido na minha vida: eu realmente tinha um caminho. Então, me dispus a viver tudo com muita atenção: cada encontro da Fraternidade, cada leitura, as homilias, as caritativas, as Escolas de Comunidade, o acolhimento a visitantes que chegavam e me eram apresentados, as situações ordinárias da vida. E passei a perceber mudanças também nas pessoas mais próximas a mim que escolhiam fazer este mesmo caminho. Algum tempo depois minha mãe faleceu. Naquele dia tão temido, embora fosse esperado, eu tive pela primeira vez a oportunidade de perceber o próprio Deus presente na minha vida. Ele que sempre tinha estado comigo, naquele dia caprichou e é de tirar o fôlego. Tudo aquilo que eu intuía chegou como certeza naquela presença que ordenava e ainda ordena tudo. Entre muitas provas de carinho e apoio dos amigos e da família, a companhia do meu marido, e outros, objetivamente me livravam da confusão, das reduções, do risco de histeria, ou até mesmo da idolatria. Eles foram meus amigos porque se importaram comigo e me ajudaram a perceber a dramaticidade daquele contragolpe e sua ligação com um caminho a percorrer para que depois tudo aquilo não se perdesse em uma lembrança simplesmente emocionante. A beleza estava lá e pela primeira vez eu podia vê-la. Isto foi o acontecimento central e eu sei que Deus me deu não como um merecimento, mas comparecido de minha enorme necessidade. Por isso eu permaneço no caminho que estava sendo educada a reconhecer. Hoje eu me preocupo mais em não me esquecer daquela experiência e em buscar diariamente pelo rosto de Cristo do que tentar não ver mais as tais marcas, das quais falei no início, pois onde Cristo está não há espaço para dúvidas ou ameaças que confundem a vida. Ele prevalece. Cresceu em mim a afeição pela vida, a confiança que teria motivos para continuar sendo feliz. Ganhei amigos muito queridos e havia muita fertilidade perto de mim. Perder a própria mãe é muito difícil. É estranho, contrário a minha natureza e sempre será. Eu queria minha mãe pra sempre comigo, mas mesmo isso é diferente quando se percebe que o próprio Deus está presente. Depois, então, veio o testemunho de Alberto Piatti. Eu não esperada e vi nele um homem livre diante de tantas dificuldades que já viveu e com uma profunda gratidão e afeição ao Movimento. A Escola de Comunidade é um lugar seguro. E eu me identifiquei com ele: uma vida salva da autossuficiência por ter sido alcançada por Cristo através do carisma de Dom Giussani. Pelo percurso que fiz até aqui, julgo que a adesão ao carisma é mesmo a única opção: um caminho seguro que Deus escolheu para mim dentro da Igreja. Isso é o que me motiva a estar onde vocês estiverem. Isso me liga até mesmo a Dom Giussani, a quem não conheci, mas para mim é como se ele me conhecesse, e se deixando abraçar pelo Mistério, doando-se, ele abraçou também a minha vida, e todo o empenho dele foi também por minha causa. Penso que este seja um traço da santidade dele. No fundo, é tudo meu, é tudo de cada um de nós. E isso eu verifico também com Carrón. Assim, tomada por esse reconhecimento, tenho vontade de dizer para ele: Coragem. Aquilo pelo que você se levanta todos os dias é verdade. Eu verifico na minha vida, eu vejo também na vida dos meus amigos. Tenho vontade de agradecer e retribuir a doação de si que ele faz ao se intitular cúmplice do meu coração. Desejo agradecer comunicando a única coisa que realmente possuo: a fé, a certeza de que este é o lugar que Deus preparou para nós e não é fruto de uma ideologia. Dom Guido uma vez me falou que o meu lugar seria onde eu ouvisse pela primeira vez a voz de Cristo. E isso aconteceu e continua a acontecer aqui. O carisma é algo desejado por Deus, vivo e verdadeiro, que nos educa e nos dá a possibilidade de dizer sim a Cristo, sempre que, através da realidade, qualquer que ela seja, a gente se pergunte o que Ele significa para nós. Isso me devolve a vida, a liberdade, a paz a cada instante. Eu não venho aqui porque concordo com tudo, gosto de tudo, mas porque eu preciso de Cristo e sei que aqui Ele se encontra.

Bracco: “O carisma é onde ouço a voz de Cristo”. “Eu me lembro que não respirava”. Qual o sinal de que estou seguindo Cristo? Não é só ouvir uma voz, mas perceber a diferença: antes eu não respirava e agora começo a respirar. Esse é o sinal da presença de Cristo. O que é que me faz respirar? Onde eu respiro? Quando vi que comecei a respirar quando antes não respirava? Por que Cristo deve me interessar? Por que pode me interessar? Não é óbvio que me interesse. Ele começa a me interessar porque eu respiro com ele, e as pessoas procuram encontrar alguém que proporcione essa experiência. Então, primeiro temos que nos perguntar: “eu respiro?”. Eu, aqui dentro, respiro? Na minha vida, respiro? Estou fazendo essa experiência? Não é que é sempre assim, mas é como uma tendência ao respiro. Tem momentos em que eu respiro e Ele me pega de novo. Quando é assim não se fica mais preocupado de que as pessoas entrem no Movimento, mas eu fico interessado pelas pessoas. A gente começa a ir encontrar a pessoas. Como fala o Papa, a gente tem que sair, não temos que encher essa

salinha aqui. Quando você está com essa sede, quando está transbordando, você quer sair e encontrar aqueles que te marcaram, aquele cara lá que você não consegue parar de pensar que está sofrendo, aquele outro que é tão simpático que eu preciso ir lá. Não preciso trazer todo mundo aqui, mas a gente começa a fazer o Movimento assim, e assim o Movimento cresce, e assim Cristo se torna pra mim cada vez mais uma presença e se dilata em uma companhia também. Se não a gente fica sempre organizando uma estratégia.

Colocação: Eu já tinha uma caminhada na Igreja e uma forte amizade com Marcinha que sempre me convidava para vir à Escola de Comunidade e outros encontros de Comunhão e Libertação, mas eu sempre tinha algum imprevisto que me fazia não priorizar este momento. Porém, ela começou a me chamar para outros encontros como o passeio de escuna, retiros e almoço com a Fraternidade dela. Participando desses eventos, observei a forte amizade entre as pessoas e aos poucos fui conhecendo CL, o que despertou em mim a vontade de participar da Escola de Comunidade. Neste primeiro ano de encontro com o Movimento, tenho amadurecido a minha relação com Cristo e percebido que este lugar é uma forma que Cristo encontrou para me educar. Depois de poucos meses frequentando a Escola de Comunidade participei de um jantar na casa de Otony e a partir daquele encontro pude aprofundar mais qual era a proposta do Movimento e conhecer a experiência que Otony e Miriã tiveram ao encontrar o mesmo. Outra experiência que me chamou atenção foi a Coleta de Alimentos, pois já tinha decidido participar como voluntária, mas me surpreendi com o convite de Núbia para ser vice-coordenadora. Aceitei mesmo preocupada, porque entendi que era mais um chamado de Cristo para mim nessa companhia. Na Coleta pude fazer uma maravilhosa experiência e perceber que não era apenas um gesto de caridade, pois fui muito correspondida. Também foi ocasião para conhecer Quislon e partilhar com ele essa nova experiência. Além disso, depois fiquei mais próxima de Silvana e de Núbia. Quando recebi o convite para essa assembleia mensal, fiquei tocada mais uma vez com a frase de Carrón no convite “Encoraja-me pensar em vocês maravilhados quando descobrem emergir em vocês o desejo de felicidade, rumo a um horizonte ilimitado para além de toda e qualquer aparência. Tudo muda, menos isso. Que a vitória sobre a confusão que ninguém, nem mesmo nós pode impedir”. E tentando responder a pergunta– O que você identifica na sua vida das coisas ditas no texto? –, identifiquei-me com o trecho da primeira página. “... Quanto mais alguém compartilha a vida de uma pessoa, mais é capaz de ter uma certeza moral a seu respeito, porque os indícios se multiplicam”... Isto foi o que aconteceu com os discípulos no relacionamento com Jesus e é o que venho experimentado com o Movimento: o maravilhamento em perceber Cristo através das circunstâncias que me são dadas. O caminho que estou fazendo, em especial nas Escolas de Comunidade às terças – que têm sido sempre um acontecimento pelo modo que Otony e padre Inácio têm conduzido e também nos testemunhos das pessoas –, me permite enxergar que minha busca só é preenchida com a “Presença de Cristo Vivo” numa companhia, que ninguém poderá preencher esse vazio, essa angústia, e essa espera, é a certeza que só Cristo me basta! Começo a entender o que é dar razão à fé, o que é ter autoconsciência e compreender principalmente que o outro é um sinal forte e verdadeiro de Cristo, pois o outro com quem tenho compartilhado a circunstância – em especial, Marcinha, Mariana, Adriana, Silvana, Quislon, Otony, padre Inácio e Núbia – me dá a certeza que Cristo chega para modificar a minha forma de ver as coisas. E através desta percepção mudo a minha forma de olhar as circunstâncias e conseqüentemente surge uma nova maneira de caminhar. A partir disso posso compreender melhor o mandamento: “Amar o próximo como a mim mesmo”, pois algo se transformou em mim. Com CL tenho experimentado que quando meu coração fica aberto para Cristo, O reconheço nos sinais das circunstâncias e o vazio começa a ser preenchido de modo que meu coração transborda de felicidade, serenidade e paz, mesmo nos momentos difíceis. Tenho percebido que a serenidade, a sabedoria e a certeza de não caminhar sozinha estão alicerçando cada dia mais a minha vida. Esta é a razão da minha alegria, da minha vivacidade, do meu sorriso e da minha paz, porque sei que Cristo me responde e, um pouco, já posso dizer como São Paulo: “Já não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. E por isso, a cada dia quero experimentar mais desta certeza e compartilhando com Núbia certas circunstâncias da vida e do trabalho, coloquei o desejo de ir ao encontro da Fraternidade e ela me indicou falar com Otony que aceitou meu pedido e por isso estou indo a São Paulo agora em maio. Eu desejo amadurecer na mesma certeza dos discípulos e entendo que o Movimento é o caminho escolhido por Cristo para mim. Em dezembro fui a um dia de convivência com a Fraternidade de Silvana, a convite da mesma, e fiquei impressionada porque me senti muito próxima de pessoas que conhecia há tão pouco tempo e super livre a ponto de partilhar coisas profundas da vida. Voltei com o desejo latente de entrar para a Fraternidade e poder aprofundar a minha relação com Cristo, através daquelas pessoas. É por isso que hoje eu entendo melhor a colocação de Bracco na Escola de Comunidade que fizemos em julho do ano passado e ele exemplificava naquele momento que a relação com Cristo era como estar “apaixonado”, pois o apaixonamento era uma forma de querermos experimentar esta presença a todo o momento. Compreendo hoje que é exatamente isso e, por esta razão, partilho esta experiência com meus amigos próximos e os não tão próximos, porque entendo que Cristo nos utiliza

como veículo de transformação, chegando até nós através do carisma que é a maneira que Cristo se adequa a nós, segundo a nossa sensibilidade, respeitando-nos, como pe. Ignácio nos colocou no último Retiro de Quaresma, e por isso quero que todos possam experimentar este *maravilhamento* que carrego, desde o dia que encontrei vocês. Percebo que aos poucos estou sendo transformada com a presença de Cristo através desta Companhia. Concluo com uma passagem de Papa Francisco do dia 16/04 que me tocou muito. “Quando uma pessoa conhece verdadeiramente Jesus Cristo e crê nEle, experimenta a sua presença na vida e a força da sua ressurreição”.

Colocação: Da última vez que falei na assembleia era um momento muito duro, pois havia iniciado um trabalho novo, e eu estava muito ferida com o desejo de reconhecer Cristo naquele ambiente tão hostil. Agora estou fazendo um ano neste trabalho e foi impressionante o que aconteceu. As palavras de Bracco e de Cleuza naquela assembleia me ajudaram muito a buscar essa presença de Cristo. Primeiro, eu comecei a olhar para aquelas pessoas de uma forma não preconceituosa, pois cheguei ali pensando que servidor público é tudo igual, não liga pra nada, está aqui só pra receber o salário e esperar a aposentadoria. Mas depois pensei: eles têm o mesmo desejo no coração que eu tenho, eles carregam a mesma ferida que eu, e comecei a olhar de outra forma para aquelas pessoas que eu via trabalhando de forma grotesca, com os pacientes mal cuidados, feios de se ver, e isso me doía muito. Eu coordeno a UTI e fiz uma proposta de trabalho, e o pessoal mais antigo não aceitava, e levei para a diretoria e depois de algum tempo de conversa foi aceito e a diretoria me deu carta branca. E eu pensei: eu não posso propor uma mudança dessas sem antes convencer essas pessoas, pois não adianta. Então preparei uma aula começando pela base que são os técnicos de enfermagem. A aula foi baseada no 5º cap. de *O senso religioso* e em uma fala de Dom Giussani para um grupo de enfermeiros há muito anos. Essa aula ficou muito bonita e falando com as pessoas eu via nelas um brilho no olhar que me fez entender que realmente o que corresponde ao coração delas não é o tratar mal, mas é uma outra coisa. E eu dizia: qual é a função do técnico de enfermagem? Eles diziam: fazer a higiene. E eu pensava no que Dom Giussani dizia que sendo diretor do hospital ou faxineiro, tudo é pra glória de Cristo, e tentei dizer isso de outro modo. Eu falava: vocês vêm a beleza que isso tem? Valorizem o trabalho de vocês, o que vocês são, o que vocês carregam. Fiz dois grupos antes de mudança e dois grupos depois, e eu não esperava o que aconteceu. Programei para realizar a mudança num domingo à noite quando eu não estou lá, e quando cheguei na segunda-feira era uma outra unidade, foi impressionante: os pacientes arrumados, todo mundo com um gosto. Fico cheia de alegria porque vejo que o que dissemos aqui é mesmo possível pra todos. A gente não pode olhar as pessoas como se nós estivéssemos acima, pois o coração de todos tem o mesmo anseio, e a pessoa pode mudar.

Bracco: Uma coisa que falou o Papa sobre a experiência do maravilhamento é que é perceber em si a experiência da presença de Cristo, perceber em você a presença de Cristo, que Ele está vivo, como quando você pensa na pessoa amada e percebe que dentro de si você carrega uma presença. E ele fala: “ao ponto de falar: ‘é impossível’, mas você sabe que é verdadeiro”. A gente tem sempre que se lembrar disso, se estamos vivendo: “Já não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. Qual é o sinal disso? Se eu vivo essa experiência, se me acontece – de vez em quando, pois não é sempre – essa experiência de maravilhamento, perceber essa presença o ponto que você fala “é impossível”, mas você sabe que é verdadeiro. Esta coisa paradoxal, como uma faísca que acontece dentro de você. A experiência mais bonita, a maior experiência de maravilha, se vocês pensam bem, é quando aconteceu uma coisa assim, que você fala: “é impossível”, mas sabe que é verdadeiro. E isso, ele fala, deixa como uma marca. E quanto mais acontece isso é como uma marca que não vai embora nunca mais. Quanto mais experiências de maravilha a gente faz, mais essa marca fica impressa e gera uma letícia, uma paz, um rosto aonde os outros descansam, e você se torna uma presença. E essa marca com o tempo muda. Você fica maravilhado e deixa uma marca. Depois fica bravo, faz uma besteira, fala mal do outro. Mas depois chega uma outra marca. E essas marcas te mudam. É como se ficássemos tristes porque não é sempre assim, mas não precisamos ser sempre assim, mas cada vez que a gente faz essa experiência é uma marca.

Colocação: No ano passado fui em São Paulo na casa de umas meninas dos colegiais e elas ficaram me chamando para ir nas férias dos colegiais. Eu não queria, não tinha vontade de ir, até porque tinha a possibilidade de ir nas férias dos adultos em Angra e era mais tentador, mas elas ficaram insistindo. Então confiei na palavra delas e fui achando que ia me arrepender. E aí foi ótimo, eu adorei, e voltei revolucionada. Esse ano tem a proposta da Jornada e eu estou arrastando amigas minhas, e assim como aconteceu comigo com as meninas de São Paulo elas também estão confiando na minha palavra, porque ninguém sabe direito como vai ser, estamos fazendo um sacrificio, vamos perder aula, gastar um dinheirão. É isso.

Bracco: Por que nós estamos aqui? Porque participamos de um passeio, de um encontro, em que talvez algum amigo tenha dito uma mentira pra gente pra nos levar, mas quando voltamos pra casa foi uma revolução. Por que as suas amigas vão? Por que elas confiam? Isso é interessante. Porque elas viram que aquilo que você falava era verdade. Elas não sabem ainda, mas o seu rosto fala que aquilo que você está falando é verdade. É por isso que confiam. Se não, por que elas deveriam confiar? Essa é a marca que estávamos falando: uma maravilha que muda a ponto de mudar o rosto, a ponto de você falar pro outro e o outro confiar. Não é óbvio.

Colocação: Vou contar a experiência que tenho feito com alguns alunos meus para tentar arrecadar dinheiro para a Jornada. Eu me lembro que um dia de domingo pra segunda em que eu acordei com uma ideia para poder arrecadar dinheiro, mas achei que era uma maluquice da minha cabeça e não levei muito pra frente. A ideia era: se a gente precisa de dinheiro, por que não pedir às pessoas? Mendigar literalmente e ir pedir na praça, na porta das igrejas. Fui trabalhar pensando nessas coisas e chegando na escola encontrei dois dos quatro jovens que pretendem ir e comentei com eles: “pensei nessa maluquice”, ainda falei assim. E quando eu compartilhei isso, eles ficaram eufóricos: claro, vamos fazer. E a euforia deles fez com que acreditasse que não era maluquice. Propus também aos outros dois e nós começamos essa experiência de pedir literalmente na porta da Igreja da Piedade e de São Pedro. Nós fizemos isso durante nove dias, todas as terças e quintas-feiras, e foi uma experiência muito bonita. Primeiro porque pra mim a Jornada passou a ter valor naquele momento ali. Eu comecei a entender o significado da Jornada vendo como as pessoas se mobilizavam para doar livremente dinheiro para pessoas que elas não conheciam e que podiam até duvidar, pois fizemos uma caixinha improvisada escrito: “Desejamos participar, nos ajude” e as pessoas iam lá e depositavam uma moeda. E nós fizemos muitos encontros. Na primeira vez que nós fomos os seguranças da Igreja queriam colocar a gente pra correr e disseram: vocês não podem ficar aqui, e nós conseguimos conquistá-los e depois no segundo dia eles diziam: “doem, são gente séria”. Nessa brincadeira nós fizemos muitos encontros e a certa altura começamos a contar as notas para saber quantas pessoas mais ou menos tinham doado, e muitas coisas bonitas aconteceram nestes nove dias. No final a gente conseguiu arrecadar R\$ 1.300,00, sendo parte do dinheiro em moedas de cinquenta centavos ou R\$ 1,00 – literalmente esmola – e pra mim foi uma provocação em muitos sentidos. A coisa que mais me chamava a atenção foi, primeiro, a forma como as pessoas se colocavam diante do gesto e eu pensei que eu também não preciso de coisas grandiosas. Porque pedir dinheiro na Piedade, naquele gesto simples, fez com que experimentássemos uma grande correspondência, porque tínhamos claro ali que era por uma coisa grande, e eu fiquei pensando: mas na minha vida também eu não quero coisas grandiosas, mas quero fatos pequenos que me mostrem claramente o rosto do Mistério. E me fez pensar também que o encontro com aquelas pessoas e com aqueles jovens todos pode ser uma contribuição pro mundo, pra Igreja, uma oferta mesmo, um gesto missionário e que gerou grandes experiências. Eu acho que os meninos também fizeram uma experiência muito bonita de amizade, pois lembro que quando eu propus pra eles que a gente começasse a batalhar pra conseguir dinheiro pra Jornada eu falei pra eles: pode ser que a gente não consiga arrecadar os R\$ 4.000,00 que é o que a gente precisa pra que vocês participem, mas se no final deste período nós nos tornarmos mais amigos a experiência já vai ter valido. Então essa experiência de amizade que tem nascido com eles tem sido uma experiência bacana.

Bracco: O Gilberto falava no início, introduzindo a música *Luz do sol*, que somos donos do sim e do não diante da infinita beleza. Também na frente daquilo que escutamos hoje nós temos este poder, que nem Cristo pode fazer nada. Se mantivermos essa abertura, isso pode gerar a maravilha. Mas podemos também fechar as portas. Então, temos que pedir esta abertura de coração, desejar esse empenho, que não é um esforço, é esse desejo de voltar a ver essa beleza que aconteceu hoje, é deixar espaço ao Outro. Para concluir quero ler um trecho do Papa, que é até engraçado, mas que acho que é útil para todas as nossas comunidades. Ele leu os Atos dos Apóstolos e está falando do que aconteceu depois da ressurreição de Cristo. Ele fala assim: “Na primeira leitura é como se tivéssemos uma antecipação, uma prévia sobre o que será a ‘nova vida’, o que deve ser a ‘nova vida’. A multidão daqueles que tinham se tornado crentes tinha um só coração e uma só alma. Uma alma, um coração: a unidade, aquela unidade, aquela humanidade, aquela harmonia dos sentimentos no amor, o amor recíproco. Aquele pensar que ‘os outros são melhores do que eu’: isto é bonito, não é?”. Pensei no seu grupinho de Fraternidade, na Escola de Comunidade, em casa, no marido e mulher, pensando que o outro é melhor do que eu, pois geralmente é o contrário. E o Papa continua: “Mas a realidade revela-nos que isto, depois do Batismo, não acontece automaticamente. Este é um trabalho que deve ser feito no caminho da vida, é um trabalho a ser feito pelo Espírito que está em nós e é fidelidade ao Espírito da nossa parte. E esta mansidão na comunidade é uma virtude um pouco esquecida. Ser manso, dar lugar ao outro. Existem muitos inimigos da mansidão, a começar pela fofoca, não é assim? Quando se prefere falar à toa, falar mal do próximo, “bater” um pouco no próximo. São fatos quotidianos que acontecem a todos, também a mim. São tentações do maligno que não quer que o Espírito venha a nós

e faça esta paz, esta mansidão nas comunidades cristãs. Vamos à paróquia, e as senhoras da catequese lutam contra as mulheres da *Cáritas*. Sempre existem estas lutas. Inclusive em família e no bairro. Mas também entre amigos. E esta não é a vida nova. Quando o Espírito vem, faz-nos nascer numa nova vida, nos torna mansos, caridosos. O comportamento justo para um cristão é: primeiro, não julgar ninguém, porque o único Juiz é o Senhor. Depois, ficar calado, e se for necessário dizer alguma coisa, que seja dita aos interessados, a quem pode remediar a situação, mas não a todo o bairro. Se, com a graça do Espírito conseguirmos nunca mais falar mal dos outros, será um bom progresso. E fará bem a todos. Peçamos ao Senhor que manifeste a nós e ao mundo a beleza e a plenitude desta vida nova, deste nascer no Espírito que vem na comunidade dos fiéis e nos leva a ser mansos, a ser caridosos uns com os outros, respeitosos. Peçamos esta graça para todos nós”. Então é este deixar espaço, sempre esperar que possa acontecer algo, pois eu não sei tudo, e pode ser que Cristo decidiu vir através daquele de quem eu não estou esperando nada. Essa é uma virtude: deixar esse espaço. Depois, as outras sugestões que ele dá acho que são boas para a nossa caminhada.